

**DA ENCICLOPÉDIA À ENCYCLOPAEDEA ACEPHALICA:
SIMILARIDADES E DISSIMILARIDADES**

*From Encyclopédia to Encyclopaedia Acephalica: similarities and
dissimilarities*

Roberta Sendacz⁵²

Resumo: Sabemos que a *Encyclopédie* francesa do século XVIII foi uma influência para a *Encyclopaedia acephalica* de Georges Bataille (1947), uma vez que este século deixou profundas influências para os séculos vindouros. Assim, a *Encyclopédie* e a *Encyclopaedia acephalica* nutrem semelhanças e dessemelhanças. Apresentadas na forma de verbete ou dicionário, são textos curtos ou longos. O verbete Homem, por exemplo, aparece nas duas publicações. O verbete paixão, de outra maneira, é contemplado somente na idealista *Encyclopédie*.

Palavras-chave: Enciclopédia, verbetes, materialismo, idealismo, universalismo.

Abstract: We know that the French *Encyclopedie* from the XVIIIth century was an influence for the *Encyclopaedia Acephalica* written by Georges Bataille and other authors (1947), since that century highly influenced the forthcoming centuries. As a matter of fact, the *Encyclopedie* and the *Encyclopaedia Acephalica* nourishes similarities and dissimilarities. Presented under an entry or dictionary, texts are short or long. The entry Man, for instance, appears in both publications. The entry Passion, on the other hand, is referred only by the idealist *Encyclopedie*.

Keywords: Encyclopedia, entry, materialism, idealism, universalism

A obra *Enciclopédia* foi publicada entre as décadas de 1750 e 1770, na França. Seus muitos autores estão ligados às “Luzes”, ou seja, ao Iluminismo do século XVIII. O Iluminismo contempla diversas vertentes do conhecimento, de política a religião, de natureza a economia, arte e estética, e, claro, filosofia e literatura. Os textos são dispostos na forma de verbetes estruturais, de diversos tamanhos, como os de um dicionário, exibindo assim as palavras por ordem alfabética. Alguns verbetes chegam a ter quatro páginas ou mais. Entre os principais autores, além de Diderot e D’Alambert, estão Voltaire, Montesquieu, Rousseau e outros. Os volumes desta tradução da *Encyclopédie*

⁵² Doutora em Filosofia Contemporânea pela PUC/SP, São Paulo, São Paulo, Brasil; roberta.sendacz@gmail.com

contemplam mais de trinta autores. “Não poderia ser exaustiva, diante dos mais de 70 mil verbetes, segundo Pimenta, (2015, p.9), um dos organizadores dos fascículos brasileiros.

A *Enciclopédia* foi editada em seis livros no Brasil, entre 2015 e 2017. São eles: 1) *Discurso preliminar e outros textos*; 2) *Os sistemas dos conhecimentos*; 3) *A ciência da natureza*, 4) *Política*; 5) *Sociedade e artes*; 6) *Metafísica*. Aqui será estudado também o texto de outra enciclopédia, a *Encyclopaedia Acephalica*, de Bataille, Leiris, Desnos e outros (1947), já no século XX e um poderoso instrumento do materialismo herdado do século XVIII.

“[Todavia] o plano de apresentar uma compilação dos conhecimentos humanos em todos os domínios, que receberá mais tarde o nome de enciclopédia ou dicionário enciclopédico é uma ideia tipicamente moderna” (SOUZA, 2015, p.13).

“Com notáveis exceções [de autores], é oriunda da média [...] burguesia, de família de pequenos comerciantes, de membros da administração pública” (PIMENTA, 2015, p.12).

Publicada também na forma de verbetes, em 1947, a *Acephalica* inspira-se na sua precursora, porém voltada ao universalismo (metafísica) e tradições literárias de seu tempo. Certamente, Bataille tinha conhecimento da *Enciclopédia* de Diderot e D’Alembert. Ele sempre fora um entusiasta do pensamento do século XVIII, de Sade e das vanguardas europeias do começo do século XIX. Encontramos duplicidades de verbetes nas duas enciclopédias. Alguns são semelhantes e outros, como os de Holbach e Jancourt, são radicalmente diferentes. Os autores são responsáveis por transmitir os pensamentos de suas épocas. Os verbetes da *Enciclopédia* não são autorais. Ao contrário, desfaz-se do rosto. “[A obra] depende da colaboração substancial de mais de uma centena de outros autores, especializados nas suas diferentes áreas do conhecimento ou então generalistas competentes” (PIMENTA, 2015, p. 15).

O “absoluto” é poderoso porque é perfeitamente vazio. Assim temos o verbebo inicial na palavra “absoluto” (ENCYCLOPAEDIA ACEPHALICA)⁵³. Bataille planejou retrabalhar *A parte maldita*, porém morreu em 1962. Fortalecendo-se com o trabalho dos colegas, mantém com Michel Leiris grande amizade e entrosamento. “Seu interesse pela antropologia foi suscitado por seus contatos com as vanguardas artística e literária de Paris dos anos 1920”. Nutria-se aí de um primitivismo da época (SOBRAL, 2016). Leiris

⁵³ <https://article13.info/encyclopaedia-acephalica-16/>

(1995, p. 34) assina, entre outros, o verbete “anjo”. “O anjo Gabriel, para a palavra em hebraico, significa o homem de Deus.” Os anjos ocultam a ciência e a astrologia.

As ideias de Bataille, em relação aos verbetes da *Encyclopaedia Acephalica* (1947, p. 20), são ambíguas. Se reúnem em torno de termos correlacionados, e suas dualidades (profano e sagrado, acumulação e gasto etc.) formam sua filosofia “não como uma coerente corrente filosófica”. Por exemplo: de “absoluto” irá a “aesteta”, que segue para “anjo” e depois “arquitetura”, ou seja, uma edição peculiar, com significado próprio.

Diderot e D’Alambert publicaram a *Encyclopédia*, assim como Bataille o fez na *Encyclopaedia Acephalica*. Nelas há autores que se destacam nas suas épocas. Uns são anônimos, outros desconhecidos, e tantos outros trabalham em ofícios diversos e tinham familiaridade com a letras. Ser arquivista de bibliotecas é uma atividade que se presta aos autores de dicionários.

VERBETES

Iniciaremos com o verbete “Homem” nas duas enciclopédias. Primeiro o tratamento dado pela *Encyclopédia*, assinado por Diderot, autor que dispensa apresentações pelo êxito como filósofo e autor de literatura. A segunda ocorrência de “Homem” está na *Encyclopedia Acephalica*, e tem como autor um desconhecido.

Encyclopédia - Homem, Diderot

“Homem, ser que sente, reflete, pensa, que perturba livremente sobre a superfície da Terra, que parece estar à frente de todos os outros animais, os quais ele domina, que vive em sociedade, que inventou as ciências e as artes, que tem uma bondade e uma maldade que lhe são únicas”.

Uma maneira de ver o mundo como algo inteiro, dominado pelo homem que se sobrepõe a tudo. Notamos a presença dos elementos da natureza versus elementos da cultura. O Homem aparece como inventor da ciência e das artes. É um ser empírico.

Rousseau, um dos autores da *Encyclopédia*, deixou, entre suas obras póstumas, elementos de botânica e um tratado sobre a origem das línguas. Os assuntos eram variados. Por exemplo, cito o verbete “amizade”, de Diderot: “A amizade nada mais é do

que o hábito de estabelecer com alguém uma relação honesta e agradável. Seria apenas isso? A amizade, dir-se-á, não se restringe a isso, ela vai além de seus limites estreitos” (DIDEROT, p. 34).

“Em 1758, a colaboração entre Diderot e D’Alambert encontra-se abalada, inclusive pelas diferenças entre eles com respeito a *Enciclopédia*. O gosto mudou. O que domina é o da história natural e da literatura” (PIMENTA, 2015, p. 14).

***Encyclopaedia Acephalica* - Homem, anônimo**

“Um eminente químico inglês, Dr. Charles Henry Maye, tentando estabelecer uma maneira precisa de que o homem fosse feito também por seu valor químico. Isto é, receita do que aprendeu nas pesquisas”.

O homem empírico fruto da ciência, típico do materialismo. Faz todo o sentido este verbete constar da *Encyclopaedia Acephalica*.

***Enciclopédia* - Materialistas (teologia), Diderot.**

“Deus como causa única da existência de todas as coisas”.

“[Todavia] hoje se dá o nome de materialistas aos que sustentam que a alma do homem é material, ou que a matéria é eterna e é Deus, ou que Deus é uma alma universal, disseminada pela matéria, que ela move e organiza, seja para produzir os seres, seja para formar os numerosos arranjos que vemos, no universo.”

A figura de Deus aparece no materialismo, pois Deus é a totalidade do homem que será finito na filosofia de Michel Foucault. “Quesnay, o fisiocrata, escreveu o artigo “Evidencia” para a *Enciclopédia*. Condillac e Desttut colocaram na linha de sua teoria do conhecimento e da linguagem a do comercio e da economia, que tinha para eles valor de política e também de moral. Sabe-se que Turgot (Cf. PIMENTA, p. 105) escreveu o artigo “Etimologia” da *Enciclopédia*. E o primeiro paralelo sistemático entre a moeda e as palavras.

***Encyclopedia Acephalica* - Materialismo, Georges Bataille**

“A maioria dos materialistas, apesar de desejarem eliminar todas as matérias espirituais, terminam por descrever uma ordem das coisas onde há uma hierarquia marcada do idealismo”. “A maioria dos materialistas substituiu a conformidade da morte da matéria morta pela ideia da ciência para as relações estabelecidas cedo entre a divindade e suas criaturas, uma sendo a ideia das outras”.

Algumas considerações: o verbete “Materialistas” se aloja no volume número 6 de *Enciclopédia*. Por ironia do destino, é o volume da “Metafísica”. O verbete “Metafísica”, porém, repousa no volume 2, também escrito por Diderot. “Tudo tem a sua metafísica e a sua prática” (DIDEROT, 2015, p. 394). Incisivo: “Somente a difamam quem não têm penetração suficiente”. Mesmo assim, o volume 2 de *Enciclopédia* trata de “O sistema do conhecimento”.

Enciclopédia - Arquitetura

Este verbete aparece tanto na *Enciclopédia* quanto na *Enciclopedia Acephalica*.

Por definição edificante, a arte do arquiteto pode nos oferecer um modo de pensar a questão”. Escrito por Blondel para o primeiro volume da *Enciclopedia*, o verbete *Arquitetura* começa por definir o seu objeto como sendo a “arte de compor e construir prédios para a comodidade e os diferentes usos da vida, tais como os edifícios sagrados, os palácios dos reis e as casas dos particulares, bem como pontes, praças públicas, teatros, arcos do triunfo etc”. De acordo com Luis FS Nascimento, “o modo como o arquiteto (já elevado a condição de artista, no mesmo sentido que um poeta o é), soube unificar uma diversidade de elementos em prol da harmonia do prédio (NASCIMENTO, 2015, p.15).

Encyclopdia acephalica - Arquitetura

É certo dizer que existem muitos filósofos das luzes e que as luzes também variam de um para outro, conforme a data, o país ou autor. Em comum, entre Diderot e Bataille está a presença de Deus, mesmo eliminando-se os resquícios espirituais. Deus, pois, é materialista na obra de Bataille. O fato é que as Luzes estão presentes em vários setores da vida do homem na minha pesquisa.

Na *Encyclopaedia acephalica*, “é corrente [na arquitetura], uma atividade tida como da terra, uma das mais intelectuais [atividades] que acabam se destacando para a direção do escapar de uma camisa de força, da arquitetura” (BATAILLE,1947).

Gostaria de utilizar o verbete “Paixão” apenas presente na *Enciclopédia*. O autor deste verbete é desconhecido, porém imprescindível para o estudo do homem moderno que escreve e lê a *Enciclopédia*. O bloco das paixões está ligado também a “Arquitetura”, por incrível que pareça:

De acordo com Nascimento (2015, p.15), “de todas as belezas [contra o materialismo], existem poucas que nos tocam mais que a da virtude, que constitui nossa perfeição; e de todas as fealdades, não existe outra à qual somos ou deveríamos ser mais sensíveis que a do vício, diz-nos o verbete das paixões”.

Enciclopédia - Paixões

Paixões (filosofia, lógica, moral), autor desconhecido.

“O prazer e o sofrimento são, portanto, os pivôs sobre os quais giram todos os nossos afetos, conhecidos pelo nome de inclinações e paixões, que são apenas diferentes graus das modificações de nossa alma. Estes sentimentos estão, pois, ligados intimamente às paixões; são os seus princípios e nascem, eles mesmos, de diversas fontes [...]”

“A admiração ou o espanto produzem a curiosidade, ou o desejo de conhecer melhor o que conhecemos apenas imperfeitamente” (ENCICLOPÉDIA, v. 4, 2015, p. 134).

Hobbes, um autor ligado à paixão, foi contemplado no capítulo “Hobbesionismo ou filosofia de Hobbes” na *Enciclopédia 4*. São mais de vinte páginas apenas sobre esse filósofo. “Se o raciocínio é fundado no testemunho de uma pessoa cujas luzes e veracidade não nos são suspeitas, temos fé, cremos. A fé é relativa “à pessoa; a crença, ao fato, que confere uma religiosidade ao texto profano (ENCICLOPÉDIA, v. 4, 2015, p. 192)”.

Ribeiro (1996, p. 229), em seu artigo “Contra os mistérios da realeza, a curiosidade”, relata sobre o tema “paixão”, um assunto recorrente a época. Separamos o seguinte trecho: “Hobbes, cientista que é, dá o melhor papel à curiosidade. Numa carta em meados do século XVII, ao marquês de Newcastle, diz ele que homens e animais têm as mesmas paixões uns e outros. Apenas uma paixão nenhum animal tem, que é a da curiosidade, da pergunta pelas causas, e mais que isso: quanto maior for essa paixão num homem, menor será, nele, a parte alcançada pela rapina, que constitui a suma bestialidade. O que mais distingue o homem do animal é mais que a razão ou pelo menos uma paixão propriamente humana ou, para usar uma linguagem antropológica, do nosso tempo, humanizadora. Na verdade, a razão, a ciência e tudo o que segue serão possíveis a partir da paixão que lhes abrirá lugar. Hobbes, sabemos, entende o homem como um ser de paixão, mais que por uma razão soberana. Uma paixão assim o distingue de tudo o que se bestializa”.

Verbetes “Experiência”

Três tipos de “Experiência” estão no volume 2 de *Enciclopédia*. Cada experiência designa e representa algo:

- 1) Filosofia natural como uma “verificação do efeito que resulta da aplicação de um corpo natural [...] (D’ALAMBERT, 2015, p. 278).
- 2) “Experiência se diz também da aplicação ao corpo humano, ou ao de um animal qualquer, de um instrumento, de uma operação, de uma droga que, por boas razões, acredita-se que possa ser utilizada no tratamento de uma doença qualquer ou cujo efeito se busca determinar” (D’AUMONT, 2015, p. 278).
- 3) Assim, quando se diz que um homem tem experiência, é experiente, é um expert, isso quer dizer que, além dos conhecimentos que cada um adquire em sua vivência, ele observou em particular o que diz a respeito a sua própria condição. “O observador mais exato, mais desinteressado e menos pessoal é o único que tem razão (DUMARSAIS, 2015, p. 277).

Esses conceitos existem apenas na *Enciclopédia*. O mais próximo na *Encyclopaedia acephalica* é o verbete “examination”. Percebemos que a subjetividade toma conta deste verbete. É a fantasia ocupada em dar sentido ao sonho com uma personagem que existiu. Não existe a pesquisa científica, porém, uma espécie de a priori transcendental. O homem como agente da experiência. Este homem febril que domina as coisas, dentro ou fora da *Enciclopédia*.

“O semblante nobre do General De Gaulle atraiu o meu olhar. Eu gostaria de endereçar a ele uma espécie de oração matinal, mas nesse momento preciso aquilo que o demônio causou aos meus olhos, repousou no espelho onde minha imagem foi pintada” (ENCYCLOPEDIA, 1995, pp.147-148).

Verbetes “Medicina”

Uma curiosidade é que os verbetes associados a Medicina sempre aparecem em outra área do conhecimento, como Física, Gramática, Arte e até Semiótica. São as seguintes as ocorrências de Medicina na *Enciclopédia* francesa:

1) Economia animal (Medicina)

De acordo com (CHAMBAUD, 2015, p. 267, 268, 270), “tomada no sentido mais exato e mais usual, essa denominação diz respeito à ordem, ao mecanismo, ao conjunto das funções e movimentos que conservam a vida dos animais, e cujo exercício perfeito universal, executado com constância, alacridade e desembaraço, constitui o estado mais florescente de saúde, cujo menor abalo é por si mesmo uma doença e cuja supressão completa é o extremo diametralmente oposto à vida, vale dizer, a morte”. Seguindo, “é indubitável que a medicina prática deve muito de suas luzes e de sua certeza a uma teoria verdadeira do homem. Todos reconhecem a insuficiência de uma prática empírica cega e, por mais que a má interpretação das leis da economia animal tenha introduzido erros na medicina química, resta saber se a prática regulada por uma má teoria não seria mais incerta e mais pernicioso do que a que não é dirigida por nenhuma teoria”. A necessidade de fazer ver o empírico ligado ao prático, ligado as luzes.

2) Morte

Na metade do livro 3 da *Enciclopédia, Ciências da natureza*, consta o verbete “Morte”. Depois dele, o *Nascer* de Diderot que gera uma redoma universal: o nascimento não está antes da morte, mas ao contrário. Neste texto, o que difere o vivo do morto é a capacidade do movimento tal qual aparece (CHAMBAUD, v. 3, 2015, pp. 290-298).

3) Signo (medicina semiótica)

“Há signos comuns a diferentes doenças, chamados equívocos. Eles indicam coisas diferentes de acordo com as circunstâncias em que se encontrem. Tal é, por exemplo, a urina transparente que em febres agudas anuncia o delírio” (ENCICLOPÉDIA, v. 2, 2015, p. 397). Podemos falar em epistemologia? Se dependesse de Gaston Bachelard, sim.

4) Corpo (autor desconhecido)

Nesta curta definição sobre o verbete, temos que “Nos animais, corpo é o oposto da alma, vale dizer, é a parte do animal composta de ossos, músculos, canais, licores e nervos. Vide alma. Nesse sentido, o corpo é o objeto da anatomia comparada” (ENCICLOPÉDIA, v. 1, 2015, p. 130). Ativa o saber da práxis e combina com o materialismo no sentido estrito.

5) Delírio “[...]”

Suor abundante com a testa quente pode ser o prenuncio do fim do delírio; o mesmo para hemorragias, hemorroidas, dores agudas nas virilhas, nas pernas, nas coxas, nos pés, nas mãos. Isso se explica pelo transporte da matéria mórbida das partes mais essenciais à vida para outras menos importantes” (ENCICLOPÉDIA, v. 6, 2017, p. 139). As luzes acendem a visão da patologia.

6) Faculdade (física, medicina)

“A faculdade motora era necessária para este fim. É ela que, pela contração muscular executa esses movimentos encontrados tanto no homem quanto nos animais” (ENCICLOPÉDIA, v. 6, 2017, p. 250).

7) Analogia (Medicina)

“Deve-se à analogia o uso da sangria no tratamento de diferentes doenças inflamatórias e de erupções cutâneas; por analogia se reconheceram os efeitos dos diferentes preparados químicos, compostos pelo mercúrio, pelo antimônio ou pelo ferro” (VANDENESSE, vol. 2, 2015, pp. 46-47).

8) Mania

“O nome se refere a um delírio generalizado sem febre, marcado pela fúria, não raro acompanhado de audácia e cólera [...] A mania costuma ser anunciada por certos signos, dentre eles a própria melancolia” (CHAMBAUD, v. 6, 2017, p. 412). Delirar é o sentido próprio da palavra.

Iremos propor a aproximação da “Medicina” na *Enciclopédia* com a “Metamorfose” na *Acephalica*. Nesta, o verbete “Metamorfose” está alocado em *Animais selvagens* e cumpre: “A obsessão com a metamorfose [...] de repente nos impedir de sermos expulsos por gestos e atitudes requisitos da natureza humana [...]. Há em todo o homem um animal aprisionado como numa galeria e se abirmos o portão o animal vai fugir como um escravo achando sua a forma de escapar” (BATAILLE, 1995, p. 60). Temos o homem vestido pela antropologia. Este verbete evoca o pensamento do final do século XVIII e até o de Kant, retornando também a Antropologia.

Menciono igual dois verbetes: eles são poéticos e estão alocados na Enciclopédia. Podem mover montanhas, mesmo com simplicidade.

1) Verbetes “Gosto”

“Dos prazeres da ordem. Não basta mostrar a alma muitas coisas, deve-se mostrá-las a ela com ordem, pois desse modo relembramos o que vimos e começamos a imaginar o que veremos” (D’ALAMBERT, vol. 2, 2015, p. 309). Reflexão que nos remete à *mathesis universalis* da Idade Clássica, manifestada pela palavra “ordem” e sua correlação com a ciência.

2) Verbetes “Natureza”

“Natureza significa por vezes o sistema do mundo, a máquina do universo ou a reunião de todas as coisas criadas [por Deus] (D’ALEMBERT, 2015, vol. 3, p. 121). Indo até a “Cosmologia”, verbete sensível à natureza, temos que “as leis gerais que parecem ser observadas num grande número de fenômenos; deliberadamente evito dizer em todos. Tais são as leis do movimento, que se seguem de impenetrabilidade dos corpos e são a fonte de numerosos efeitos que observamos na natureza” (D’ALEMBERT, 2015, vol.3, pp. 58-59).

Para encerrar, visualizaremos a Aplicação de uma ciência à outra. “[Esta] se diz, em geral, do uso dos princípios e das verdades que pertencem a uma ciência para aperfeiçoar e incrementar outra ciência. De modo geral, não há ciência ou arte que em parte não pertença a alguma outra. O discurso preliminar que encabeça essa obra, e os principais artigos deste Dicionário fornecem a melhor prova disso” (D’ALEMBERT, p. 28). É o princípio da História da Arte e da História da Filosofia e da Ciência.

De acordo com Mattos (2015, p. 34), “A Enciclopédia provocou tamanha confusão porque Diderot e D’Alembert conseguiram dar-lhe um feito filosófico, integrando-a de modo eficaz no combate das Luzes” (MATTOS, 2015, p. 33). As Luzes também significaram erro e confusão. “Durantes elas [Luzes], não há nada mais filosófico do que mobilizar virtude e felicidade, conectando uma coisa a outra. Em seguida é preciso dizer que o tipo de conhecimento reunido e a maneira de juntá-lo também implica outras tantas escolhas filosóficas. Como se sabe, para a Ilustração não só se instrui ao combater os erros, as ideias falsas, as superstições”.

Contra a virtude e a felicidade está o vício (também aderido à filosofia de Bataille). “Vício é tudo o que é contrário às leis naturais e aos deveres (DIDEROT, vol. 5, 2015, p. 157). No homem que possui um vício, supomos uma liberdade que o torna culpado a nossos olhos; o erro normalmente diz respeito à natureza; desculpa-se o homem, acusa-se a natureza (DIDEROT, vol. 5, p. 158).

Para finalizar, dentro do mesmo tema, o verbete “Botânica” de Daubenton, lembrado de Lineu: “A nomenclatura permitiu que se identificassem cerca de 20 mil espécies de plantas, segundo a estimativa dos botânicos, contando-se as observadas no Novo Mundo. Se mais observadores percorressem a Terra, o número de espécies de plantas dobraria ou triplicaria, seriam talvez encontradas 100 mil outras ou mais, dependendo dos princípios de contagem” (DAUBENTON, v. 2, 2015, p. 165).

O tipo de saber da enciclopédia abre para a subjetividade de quem a escreve, e aí a regulação do menor ou maior texto ou detalhe deste texto; imaginado ou vivido, teórico ou prático, vivo ou morto. Trata-se de uma forma e conteúdo exercidos pelo intelecto numa dimensão universalista de quem é circular. A religiosidade se camufla no conteúdo. Lidamos com o materialismo e o idealismo dos séculos XVIII ao XX, com a metafísica latente e forte, o que afasta e aproxima a *Encyclopédie* da *Encyclopaedia acephalica*. Nelas há o respaldo da Antropologia como a nova ciência do século XIX. Apesar de a enciclopédia contemporânea ser na forma eletrônica, seus verbetes são sempre imortalizados. E consultados. Ela não envelhece. A antropologia é a morada da nova cabeça. O homem finito.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. *Eroticism*. Tradução: Mary Dalwood. EUA: Penguin classics, 2012.

_____. LEIRIS, M. DESNOS, R. EINSTEIN, C. *Encyclopedia Acephalica*. Tradução Iain White. Edição Robert Label e Isabelle Waldberg. London: Atlas press, 1995.

CHAMBAUD. *Enciclopédia ou dicionário das ciências da natureza*. Volume 3: *ciências da natureza*. Denis Diderot, Jean Le Rond D'Alembert; organização e tradução por Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza; tradução Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

DAUBENTON. *Discurso preliminar e outros textos*. Volume 1. Denis Diderot, Jean Le Rond D'Alembert; organização e tradução por Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza; tradução Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

DIDEROT, D., D'ALAMBERT, J.R. *Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Volume 2: O sistema dos conhecimentos/ Denis Diderot, Jean Le Rond D'Alembert; organização e tradução por Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza; tradução Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. *Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Volume 3: Ciências da Natureza / Denis Diderot, Jean Le Rond D'Alembert; organizado por Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza e Thomas Kauwache. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

_____. *Enciclopédia, ou dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Volume 6: Metafísica / Denis Diderot, Jean Le Rond D'Alembert; organizado por Pedro Paulo

Pimenta, Maria das Graças de Souza e Thomas Kauwache. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

MATTOS, F. “Árvore do saber”. In: _____. *Discurso preliminar e outros textos*. Volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

NASCIMENTO, L.F.S. “O edifício da sociedade”. In: PIMENTA, P. P. *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Volume 5. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

PIMENTA, P. P. “Uma nova concepção de filosofia”. In: _____. *Enciclopédia, ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*. Volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. “As ciências no labirinto da natureza”. In: _____. *Enciclopédia ciências da natureza*. Volume 3. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. “Nota preliminar”. In: _____. *Enciclopédia Metafísica. Ciências da natureza*. Volume 6. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

RIBEIRO, R. J. “Contra os mistérios da realeza, a curiosidade”. In: _____. *Crise da razão*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

SOBRAL, Luís Felipe. “Michel Leiris”. *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2016. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/autor/michel-leiris>>. Acessado em: 17 de dez. 2021.

SOUZA, Maria das Graças. *Círculo dos conhecimentos*. In: NASCIMENTO, L.F.S. *Discurso preliminar e outros textos*. Volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. “O pensamento político na Enciclopédia”. In: _____. *Enciclopédia política*, Volume 4. São Paulo: Editora Unesp 2015.

VANDENESSE. *O sistema dos conhecimentos*, volume 2. Denis Diderot, Jean Le Rond D’Alembert; organização e tradução por Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza; tradução Pedro Paulo Pimenta, Maria das Graças de Souza. São Paulo: Editora Unesp, 2015.